

Madgermanes: migração, trauma, memória no Moçambique pós-colonial

Madgermanes: Migration, Trauma, Memory in Postcolonial Mozambique

Ada Milani

Università degli Studi di Firenze |

Florença | IT

ada.milani@unifi.it

<https://orcid.org/0000-0001-5311-4595>

Resumo: Entre 1979 e 1989 cerca de 20 mil moçambicanos foram enviados para trabalhar nas fábricas da Alemanha Oriental, sob a égide de acordos de cooperação entre a FRELIMO e a RDA. Madgermanes: é assim que são designados esses homens e mulheres cuja migração revelou inevitáveis semelhanças com o antigo êxodo dos trabalhadores escravizados, na época colonial, nas minas da África do Sul. Depois de uma primeira parte de contextualização, o artigo propõe uma leitura da banda desenhada *Madgermanes* de Birgit Weyhe, que contribuiu a dar ressonância internacional a esta história por longo tempo esquecida. A parte final é dedicada a uma breve incursão no romance *Museu da revolução* de João Paulo Borges Coelho: longe do intuito de apresentar uma comparação detalhada entre as duas obras e circunscrevendo o olhar ao personagem de Jei-Jei (ex-trabalhador na RDA), aborda-se o romance enquanto raro exemplo de reflexão sobre a “memória estarrecida” dos Madgermanes no panorama literário contemporâneo em língua portuguesa.

Palavras-chave: Madgermanes; FRELIMO; Alemanha Oriental; Birgit Weyhe; João Paulo Borges Coelho.

Abstract: Between 1979 and 1989, around 20,000 Mozambicans were sent to work in factories in East Germany, under the aegis of cooperation agreements between FRELIMO and the GDR. Madgermanes is how these men and women are called whose migration revealed inevitable similarities with the ancient exodus of enslaved workers, in colonial times, in the mines of South Africa. After a first part of contextualization, the article proposes a reading of the graphic novel *Madgermanes* by Birgit Weyhe, which contributed to giving international resonance to this long-forgotten story. The concluding part is dedicated to a brief foray into the novel *Museu da revolução* by João Paulo Borges Coelho: far from the intention of presenting a detailed comparison between the two works and limiting the look to the character of Jei-Jei (former worker in the GDR), the novel is approached as a rare example of reflection on the “stunned memory” of the Madgermanes in the contemporary literary panorama in Portuguese.

Keywords: Madgermanes; FRELIMO; East Germany; Birgit Weyhe; João Paulo Borges Coelho.

“Magermanes”, “madgermanes”, “madjermanes”, “madgermans” são algumas das variantes¹ utilizadas para se referir aos moçambicanos que, entre 1979 e 1989, foram enviados como trabalhadores nas fábricas da República Democrática Alemã (RDA). No âmbito de acordos de cooperação bilateral entre a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) – partido líder da recém-nascida República Popular de Moçambique – e a RDA, foram deslocadas mais de 20 mil pessoas, principalmente jovens entre 18 e 25 anos, na maioria homens solteiros, embora tenha havido também uma pequena percentagem de mulheres (Oppenheimer, 2004, p. 88).

Esta migração mergulha as suas raízes históricas e, sobretudo, econômicas no processo de transição de Moçambique para a independência, conquistada em 1975:² a partir de então, a RDA torna-se um parceiro cada vez mais importante para o país africano,³ à medida que Moçambique se beneficia do estatuto de país prioritário (*Schwerpunktland*) das atividades externas da RDA, no conjunto dos países do então chamado Terceiro Mundo (Oppenheimer, 2004, p. 85). Em 1977, Moçambique autoproclama-se República socialista marxista-leninista e, em plena Guerra Fria, agrava-se a relação com a vizinha África do Sul, que vai travar progressivamente o fluxo de trabalhadores moçambicanos destinados às minas do Transvaal.⁴ Neste novo cenário, a FRELIMO, por um lado, tem de preencher um vazio relativo ao emprego de mão de obra e à entrada de dinheiro nos cofres do governo; pelo outro, o partido deve lidar com a dívida acumulada em relação à RDA num quadro de relações marcadas por profundos desequilíbrios: “No final dos anos setenta, a dívida externa de Moçambique para com a RDA tinha atingido uma dimensão substancial. Só o déficit comercial de Moçambique acumulado entre 1978 e 1979 cifrou-se em 200 milhões de DM” (Oppenheimer, 2004, p. 86). A consequência é que, ao longo da década de 1980, os jovens trabalhadores moçambicanos foram utilizados pelo seu governo como “moeda de troca” para compensar a dívida que se tornara insustentável. Por sua parte, a Alemanha precisava desta força trabalho para incrementar o seu processo produtivo:

¹ Como salienta Shenck (2022, p. 28), *Madjermanes* é provavelmente a designação mais comum em português, contudo não existe uma ortografia padronizada.

² “Esgotadas as vias diplomáticas, em 1964 a FRELIMO recorreu à luta armada como forma de libertar o território moçambicano da colonização portuguesa. Nos dez anos seguintes, o regime português desenvolveu uma guerra colonial contra a FRELIMO e o povo moçambicano, contando com o apoio logístico e militar da OTAN e de seus aliados naturais: Inglaterra, França e EUA. Portugal também contava com o apoio de seus aliados africanos: África do Sul do *apartheid*, Rodésia de Ian Smith e Malawi de Kamuzu Banda. A diplomacia da FRELIMO angariou apoio africano entre as nações vizinhas já independentes: Zâmbia, Tanzânia e Argélia. Também conseguiu apoios da URSS, da Alemanha Oriental e da China” (Langa, 2021, p. 14). Os laços estabelecidos com a RDA reforçaram-se depois da independência e concentraram-se em dois eixos: “o militar, para a proteção do processo revolucionário, alvo de ataques subversivos; e o de cooperação econômica, técnica e científica, com o objetivo de dissociar-se paulatinamente do sistema capitalista” (Hernández, 2011, p. 30).

³ Nos setores mineiro e têxtil, nos serviços de segurança, na formação de professores e no comércio externo, entre outros (Oppenheimer, 2004, p. 85).

⁴ De certa forma, Moçambique foi historicamente um satélite da África do Sul: desde o século XIX, a migração laboral entre o sul de Moçambique e as minas sul-africanas foi um dos aspetos mais significativos da relação econômica e social dos dois países. Durante o domínio colonial português, quase um terço da população masculina no sul de Moçambique foi contratada para trabalhar nas minas por períodos entre 12 e 18 meses consecutivos (Rantzsch, 2021, p. 143-144). Esta situação muda consideravelmente por volta da metade dos anos 70, altura em que os acordos deixam de ser renovados: em 1977, o recrutamento de trabalhadores para as minas do Transvaal, que em 1975 tinha sido de 128.000, será reduzido a 42.000, deixando um excedente de mão de obra de cerca 86.000 trabalhadores (Hernández, 2011, p. 28; Oppenheimer, 2004, p. 87).

Era aí que se encontravam os interesses respectivos: Moçambique procurava uma alternativa para o emprego já não disponível dos migrantes temporários [mineiros] na África do Sul, esperava ajuda em termos de formação, assim como o reforço ou a criação da classe operária. A RDA pretendia reduzir o seu défice interno de mão-de-obra e o superavit comercial, assim como criar um estoque de trabalhadores especializados para as grandes empresas moçambicanas do futuro (Döring, 1999, p. 233-234, *apud* Oppenheimer, 2004, p. 86-87).

Sob a máscara da solidariedade socialista, e por detrás do propósito de construir o “Homem Novo”⁵ moçambicano e a classe proletária do futuro, começa então esta exportação de trabalhadores que entra em recessão por volta da metade dos anos 80, concluindo-se definitivamente com a queda do muro de Berlim em 1989. Na sequência da viragem (*die Wende*) que ocorre com o processo de unificação da Alemanha, os acordos de colaboração são renegociados e os trabalhadores são mais ou menos forçadamente repatriados. Como afirma Schenck (2022, p. 11-12),

Muitos(as) trabalhadores(as) foram enviados(as) de volta para casa prematuramente, às vezes sem receber informações sobre como ficar ou receber benefícios de indenização. [...] Dos(as) 15.100 trabalhadores(as)-aprendizes moçambicanos(as) que foram registrados em 1989, apenas 2.800 moçambicanos(as) foram deixados na Alemanha Oriental no final de 1990. Este foi um retorno em massa desordenado e imprevisto de trabalhadores(as) que sobrecarregou as capacidades tanto dos Estados da Alemanha Oriental quanto de Moçambique. [...] Os principais objetivos da delegação da Alemanha Oriental que viajou a Moçambique para negociar o fim do regime socialista de migração trabalhista foram que as empresas da Alemanha Oriental ganhassem o direito de rescindir contratos individuais, que nenhum novo trabalhador migrante fosse aceito e que os direitos daqueles atualmente na Alemanha Oriental fossem redefinidos. [...] Além disso, algumas empresas tomaram a lei em suas próprias mãos, fretaram aviões e mandaram os(as) trabalhadores(as) de volta. Por exemplo, o jornal moçambicano *Tempo* noticiou que, em 17 de setembro de 1990, um avião cheio de trabalhadores(as)-aprendizes que eram retornados(as) aterrissou sem que as autoridades aeroportuárias ou qualquer outra agência moçambicana tivessem sido informadas.

É justamente neste período caótico que nasce e se populariza a designação de Madjerman, originalmente referida a objetos de fabricação alemã – “fogões elétricos, geleiras, máquinas de lavar, aparelhagens sonoras, motorizadas” – que os regressados da RDA vendiam como forma de autossustentação no mercado da Estrela Vermelha em Maputo, “uma espécie de mercado de luxo onde se encontrava tudo a preços competitivos” (Sengo, 2010, p. 89). Com o passar do tempo, a palavra acabou por assumir uma conotação identitária que encerra em si

⁵ “Segundo o *Dictionary of Political Thought*, elaborado por Roger Scruton, a expressão ‘homem novo’, ‘novo homem comunista’ ou ‘novo homem socialista’ foi usado desde a década de 1920 tanto por seguidores como por críticos do comunismo soviético, com o intuito de descrever certa transformação não só na ordem econômica, mas também no nível da personalidade individual. Essa transformação ocorreria, ou deveria ocorrer, tanto sob o socialismo como sob a ‘plenitude do comunismo’ para aonde o socialismo supostamente caminharia. [...] Em Moçambique, a genealogia da noção de homem novo remonta ao período da luta armada [...]. [...] Segundo Sérgio Vieira, a primeira vez que Samora Machel abordou de forma central e sistemática a idéia de homem novo foi em 1970, em um discurso pronunciado na II Conferência do DEC (Departamento de Educação e Cultura) em Tunduru. Nessa ocasião, afirmava a necessidade de ‘Educar o homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria’ [...]” (Macagno, 2009, p. 20-21).

um forte matiz de contestação política em relação seja à Alemanha, seja ao governo moçambicano, ambos acusados de nunca terem transferido de volta o dinheiro retido durante anos.⁶

A atitude de protesto do grupo de trabalhadores é bem patente nas manifestações que, desde o início da década de 90, os Madgermanes organizam semanalmente pelas ruas de Maputo, partindo do Jardim 28 de maio e marchando em direção ao Ministério do Trabalho. As manifestações das quartas-feiras, que juntam centenas de pessoas, são ritmadas com cânticos em língua changana e *slogans* em português; os manifestantes avançam ao som de tambores, apitos e instrumentos de percussão e levam consigo objetos que não só servem a chamar a atenção (acessórios e vestimentas nas cores preto-vermelho-dourado), mas sobretudo têm um forte valor simbólico e “de desafio”, nomeadamente as bandeiras: as da antiga RDA e da República Federal Alemã reunificada agitam-se ao lado da bandeira dos Estados Unidos,⁷ enquanto no passado aparecera, às vezes, até a da RENAMO. A atitude provocatória – poderíamos dizer “de loucura” – é muito frequentemente enfatizada pela imprensa internacional, servindo de explicação para a mesma designação de Madgermanes, interpretada, não por acaso, como uma espécie de trocadilho (*Made in Germany/Mad Germans*). Contudo, é importante salientar que em língua changana, tal como em outras línguas do sul de Moçambique, o prefixo “ma-” é a marca do plural, significando, portanto, “os que estiveram na Alemanha” ou “os da Alemanha”, mas evocando linguisticamente “um conceito coletivo como ‘germanidade’ ou ‘fazendo coisas alemãs’” (Schenck, 2023, p. 41, tradução própria).⁸

Embora se trate de protestos, na maioria dos casos, pacíficos, não raramente desembocaram em momentos de tensão e episódios de agressividade em relação ao poder político. Justamente a suposta inclinação à violência é o elemento que a FRELIMO explorou com frequência para marginalizar socialmente os membros do grupo – rotulados como sujeitos rebeldes, criminosos, inimigos da nação –, justificando de tal maneira a sistemática indiferença em relação às suas reivindicações.

A este respeito, é útil lembrar que, a partir da assinatura dos Acordos de Paz de Roma de 1992, as eleições nacionais moçambicanas foram realizadas regularmente de 5 em 5 anos (1994, 1999, 2004, 2009, 2014 e 2019) e, em cada ocasião, levaram à vitória de candidatos da FRELIMO, que está à frente do país desde a independência. Como observa Newitt (2017, p. 179-181, tradução própria), “[seis] eleições, que decorreram de forma relativamente pacífica, podem parecer

⁶ Como explica Schenck (s.d., p. 4 e 8): “A Alemanha Oriental nunca transferiu dinheiro para Moçambique pelos salários diferidos dos trabalhadores(as), simplesmente deduziu do déficit comercial moçambicano com a RDA. Ambas as nações faziam permutas e os débitos e créditos existiam apenas no papel, em um sistema de compensação”; “[os(as) trabalhadores(as)] foram obrigados a transferir uma parte de seus salários para seus países de origem, variando ao longo do tempo entre 25% e 60%. As dificuldades para obter esse dinheiro mais tarde se tornaram o ponto crucial da amargura [...]”.

⁷ O uso da bandeira dos Estados Unidos está associado com as guerras do Afeganistão e Iraque. A este respeito, Hernández (2011, p. 91) refere a seguinte explicação dada por um manifestante: “Os Estados Unidos invadem países para impor a democracia, então nós queremos que invada Moçambique para impor a democracia aqui, pois é melhor viveres colonizado por estrangeiros que seres explorado e tratado como escravos pelos próprios irmãos”. Em relação à bandeira da RENAMO, o mesmo autor esclarece que: “o uso da bandeira deste partido foi pensado da mesma forma que a bandeira dos Estados Unidos, pois a RENAMO se pensava como a única fração política capaz de fazer frente ao poder da FRELIMO. À diferença da bandeira dos Estados Unidos, a da RENAMO não é usada na atualidade. Seu uso foi, na verdade, relativamente breve, pois gerou apenas desconforto entre a população de Maputo, mas também no interior da organização, pois apesar de não apoiarem ao partido FRELIMO, muitos dos seus integrantes também não se sentiam representados pela RENAMO”.

⁸ “a collective concept like ‘Germanhood’ or doing the ‘German Thing’”.

indicar que a democracia liberal de estilo ocidental criou raízes. Contudo, a [...] democratização não é apenas um resultado final, mas é um processo contínuo e [...] as razões pelas quais a democracia liberal está em perigo são muitas”.⁹

As irregularidades registradas no ato eleitoral, o controle das mídias, que culminaram inclusive no assassinato de jornalistas que haviam se tornado demasiado independentes do governo, juntamente com outros fatores, concorreram ao gradual declínio, a partir de 2010, do Índice de Democracia e à classificação do país como um regime híbrido, entre o autoritarismo e uma democracia imperfeita (*flawed democracy*) (Cowling, 2024).¹⁰

Num contexto caracterizado por frequentes violações da liberdade de expressão, os Madgermanes não só representam o resíduo de um passado incômodo, que se tentou apagar, mas também constituem raras vozes de dissidência, além de ser um dos exemplos mais interessantes de formação de uma memória alternativa à memória oficial da FRELIMO. Significativamente, segundo João Paulo Borges Coelho, eles deram vida a um movimento de certa forma assimilável ao das Mães da Praça de maio e por isso encarnam o desafio ao esquecimento, que em Moçambique foi e continua a ser a estratégia prevalecente do partido dominante: “A Frelimo não quer que as pessoas lembrem a luta de libertação, quer que as pessoas lembrem a sua versão da luta de libertação. É uma estratégia de poder, não é uma lembrança do passado” (Wieser, 2016, p. 130).

Através das lentes da banda desenhada: *Madgermanes* de Birgit Weyhe

Se bem que o caso dos Madgermanes tenha despertado um certo interesse já a partir do final dos anos 80, inspirando vários estudos de caráter histórico, político, econômico e antropológico, as declinações no âmbito literário e artístico não são muito numerosas.¹¹ Entre as obras que foram publicadas, a que talvez tenha contribuído de maneira mais expressiva (e especialmente em um contexto internacional) a iluminar esta parte da história por longo tempo esquecida, é a novela gráfica *Madgermanes* (2016) de Birgit Weyhe, premiada com os prestigiosos Berthold Leibinger Foundation Comicbuchpreis e Max-und Moritz-Preis.

A estrutura narrativa desenvolve-se em três capítulos que focalizam as trajetórias de outras tantas personagens e apresentam diferentes perspectivas em torno das experiências vividas na RDA. O leitor é introduzido nas histórias por meio de um prólogo onde a autora conta as suas experiências de movimento e deslocação transcultural (Schmid, 2019) enquanto criança emigrada, primeiro em Uganda e depois no Quênia. Longe de simplesmente oferecer uma perspectiva branca sobre África, a novela gráfica apoia-se assim numa conexão biográfica que, de certa forma, certifica a posição da autora como parte da experiência migratória. No

⁹ “[six] elections, passing off relatively peacefully, may seem to indicate that western-style liberal democracy has taken root. However, [...] [d]emocratisation is not just an end result but is an on-going process and [...] [t]he reasons why liberal democracy is in danger are many”.

¹⁰ Veja-se também <https://freedomhouse.org/country/mozambique/freedom-world/2023>.

¹¹ Como constata Schenck (2023, p. 38), a história dos madjermans [infundiu-se] na cultura popular em Moçambique e na Alemanha [através de] música, documentários e vídeos do YouTube, exposições, *coffee table books*, memórias. Contudo, existe escasso material em língua portuguesa. Exceções notáveis são, por exemplo, o documentário *Adeus RDA* de Lício Azevedo (Maputo Ébano Multimédia, 1992), a exposição/peça de teatro *Identidade um Romance Danado* de Jens Vilela Neumann e o romance *Museu da revolução* de João Paulo Borges Coelho, que será abordado na última parte do artigo.

prólogo, esclarecem-se as circunstâncias que levaram ao nascimento do livro: 40 anos depois daquele primeiro voo para o Uganda, Weyhe chega a Moçambique e, de maneira acidental, entra em contato com alguns Madgermanes, descobrindo uma parte da história deliberadamente posta de lado depois da reunificação da Alemanha. Deste encontro fortuito surgirá um trabalho de pesquisa e recolha de testemunhas orais que atesta a veracidade do material apresentado, mas também o próprio capital (trans)cultural e a autoridade de Weyhe (Schmid, 2019). No fecho do prólogo, Weyhe (2016, p. 17) agradece a todas as pessoas entrevistadas pela paciência e colaboração; a parte superior da página é ocupada por um grupo de figuras cujos balões contêm excertos de conversações sobre experiências que assumirão um lugar central ao longo da narração: o trabalho nas fábricas da RDA, as regras especiais de trabalho a que estavam submetidas as mulheres, o racismo e a violência com que os trabalhadores e as trabalhadoras tiveram que lidar, a guerra civil que martirizou o seu país de origem desde 1977 a 1992. Em forma de grandes gotas, os balões “caem” em direção a uma segunda imagem, mostrando, através da metáfora gráfica da condensação, como as diferentes memórias confluíram nos três personagens fictícios de José, Basilio e Anabella (Kraenzle, 2020, p. 223; Schmid, 2019, p. 109). Cruzando ficção, testemunha e escrita autobiográfica, Weyhe escreve a história dos Madgermanes enriquecendo-a por meio de um ponto de vista relacional (Jager-Hobuß, 2017, p. 9) e, em contraste com a tendência a retratá-los como sujeitos passivos ou vítimas da história, coloca no centro as suas opiniões, esperanças, decepções e torna-os definitivamente protagonistas.¹²

A novela gráfica pretende, portanto, preencher um vazio na memória coletiva: a memória é, aliás, o tema-chave de toda a obra, assunto central no prólogo e nos três capítulos onde as personagens contam as suas lembranças da migração. Da mesma maneira, é de fundamental importância a questão das múltiplas maneiras de lembrar (ou de não lembrar). Cada um dos três capítulos abre-se com a resposta a uma interrogação em torno do ato de lembrar. A pergunta permanece implícita, mas é subentendida na contra-pergunta de José, o primeiro personagem que encontramos: “O que eu lembro?”.¹³ José, evitando aparentemente dar uma resposta, coloca logo o leitor diante da complexa relação com a memória; pelo contrário, Basilio, protagonista do segundo capítulo, responde sem hesitações: “Se eu lembro?! Claro! Uma cabeça grande é um fardo pesado... ela guarda tudo”.¹⁴ Na abertura da última parte, a resposta de Anabella soa peremptória: “Não me lembro”,¹⁵ contudo, logo na página seguinte,

¹² Esta abordagem, de certo modo, pode ser comparada e relacionada com o propósito, na base do trabalho de Schenck (2016), de rever a categoria histórica de *labor migration*: “Quando os trabalhadores estrangeiros são mencionados na literatura académica, trata-se frequentemente de objetos passivos sobre os quais se escreve através de fontes de arquivos alemães ou de reminiscências de sujeitos alemães. Em contrapartida, as vozes dos trabalhadores-estagiários são centrais [...]. [...] uma abordagem holística baseada em entrevistas de história de vida permite a consideração de emoções, sonhos e opiniões, enriquecendo a análise por meio da abertura à vida interior das migrações laborais socialistas” (p. 205, tradução própria) (“When foreign workers are mentioned in the academic literature, they are often passive objects written about through German archival sources or the reminiscences of German actors. In contrast, the voices of worker-trainees are central [...]. [...] a holistic approach relying on life history interviews allows for the consideration of emotions, dreams, and opinions, enriching the analysis by opening up the inner lives of socialist labor migrations”).

¹³ “Woran ich mich erinnere...?” (Weyhe, 2016, p. 19). Todas as traduções de textos de autoria de Birgit Weyhe são nossas.

¹⁴ “Ob ich mich erinnern kann?! Aber natürlich! Ein großer Kopf ist eine schwere Last... er behält alles” (Weyhe, 2016, p. 97-99).

¹⁵ “Ich erinnere mich nicht” (Weyhe, 2016, p. 163).

é atenuada através de uma alusão ao esquecimento voluntário: “Ou pelo menos não gosto. Algumas memórias são melhores deixadas trancadas. Então elas podem desaparecer em paz. E parar de nos picar”.¹⁶ A pergunta impulsiona então o desenrolar dos relatos e as respostas das personagens ilustram os seus modos de entender e enfrentar a memória. A estas três posições correspondem três diferentes representações gráficas: a memória é entendida por Basílio como “um lago claro”¹⁷ que deixa o olhar ir até ao fundo. Para Anabella, as lembranças são como ouriços-do-mar: podem ferir e provocar dor, “mas os seus esqueletos são maravilhosos”.¹⁸ José, por seu lado, concebe a memória como “uma cadela no cio”¹⁹, que é sempre esquiva e vagueia seguindo rastros confundidos num emaranhado. Como afirmam Jager e Hobuß (2017, p. 8, tradução própria), “o cachorro vadio se comporta como as lembranças das experiências traumáticas. Aparece inesperadamente em alguns lugares, não é confiável e não pode ser controlado deliberadamente ou por meios racionais”.²⁰ Com efeito, embora as três respostas pareçam ir em diferentes direções, a dor e a perda são elementos constantes. Nas ilustrações de Weyhe, frequente é o uso de um traço preto marcado, a sugerir o sofrimento em que afundam as vidas das personagens ou até o apagamento da mesma existência. Inúmeras são as metáforas gráficas que evocam medo, violência nos corpos, tal como fraturas identitárias; a dor expressa-se em representações onde o uso do branco e preto, às vezes exaltados pelo dourado, acentuam a crueldade: rostos riscados pelas lágrimas, rostos transfigurados em manchas de tinta dissolvida pelo pranto, imagens de corpos esqueléticos.

Das três histórias, talvez a que mais esmagadoramente coloque em cena a questão do trauma seja a de Anabella. Como aludimos na abertura do artigo, uma reduzida percentagem de mulheres fez parte do contingente de trabalhadores enviados para a Alemanha do Leste: estas foram submetidas a uma dupla forma de violência, racial e de gênero; em particular, o governo da RDA estipulou unilateralmente que, em caso de gravidez, as trabalhadoras que tivessem recusado abortar teriam de ser enviadas de volta para Moçambique, quer quisessem ou não. Na novela gráfica, a experiência traumática que sofre Anabella ultrapassa a escolha imposta de interrupção da gravidez (com o consequente fim da história de amor com José) e abrange o trauma coletivo da guerra civil: a família de Anabella fora exterminada, pelo que, vendo diante de si somente um futuro de morte e devastação, ela decidirá abortar e ficar na Alemanha. O personagem de Anabella é, se calhar, o mais complexo dos três e, através da sua história, Weyhe consegue alcançar um maior grau de profundidade em termos de problematização histórica, desvendando as sombras do partido dominante. Por um lado, o namorado José mostra-se perfeitamente em linha com os ditames da FRELIMO e é guiado, não por acaso, pelo sonho de se tornar um professor – profissão que tinha um papel chave da criação do Homem Novo, sendo nas palavras do presidente Samora Machel “a lâmpada que nos tira das trevas, do obscurantismo, dos preconceitos e dos complexos de origem social” (Newitt, 2017, p. 157-158, tradução própria).²¹ Pelo outro, Anabella provém de uma família que não apoia a visão marxista-leninista: o pai, acusado de ser um espião da RENAMO, será detido e morto; o inteiro

¹⁶ “Jedenfalls nicht gerne. Bei manchen Erinnerungen ist es besser, wenn sie weggeschlossen bleiben. Dann können sie in Ruhe verblissen. Und stechen uns nicht mehr” (Weyhe, 2016, p. 165).

¹⁷ “Ein klaren See” (Weyhe, 2016, p. 99).

¹⁸ “aber die ausgetrickneten Skelette sind wunderschön” (Weyhe, 2016, p. 165-166).

¹⁹ “eine läufige Hündin” (p. 21).

²⁰ “the straying dog behaves like the memories of the traumatic experiences. It appears unexpectedly at places, it is unreliable, and it cannot be controlled deliberately or by rational means”.

²¹ “the lamp that leads us out of the darkness, obscurantism, prejudices and complexes of social origin”.

núcleo familiar cairá vítima da deriva autoritária da FRELIMO, que já nos primeiros anos de independência mostrará os sintomas de uma crescente paranoia política (Newitt, 2017), e que, dentro de pouco tempo, levará à total supressão da dissidência e à prática de deportação nos chamados “campos de reeducação”.²²

Outro assunto central da obra, conectado com o vaguear da memória, é a experiência da migração. De maneira circular, no começo e no final da história, Weyhe escolhe a metáfora do pólen para representar o deslocamento de um país para outro. “Do que se alimenta a memória?”²³ é a pergunta que abre o livro, enquanto as últimas duas páginas são ocupadas por uma grande ilustração de pólen que voa de uma planta, acompanhada pela frase seguinte: “Como todos os emigrantes, que construíram uma nova vida viajando, eu não pertencço nem a um, nem ao outro País. Todos nós somos sem vínculos, sem âncoras, suspensos entre culturas. Partir ou ficar, é o mesmo”.²⁴ Migração, memória e identidade aparecem conceptualizadas e entrelaçadas na específica metáfora do pólen; como sugere Schmid (2019, p. 114, tradução própria), “eles [todos] são frutíferos e produtivos, mas incertos e em fluxo. Uma semente pode cair em terreno fértil ou não”.²⁵ É preciso destacar que a frase conclusiva, embora seja reconduzível ao discurso de Anabella, pode ser interpretada como uma consideração mais ampla, que une a vivência dos três personagens à da mesma autora: a passagem da primeira pessoa singular à primeira pessoa plural convida a ultrapassar fronteiras, culturas, barreiras raciais e traz-nos de volta à mencionada perspectiva relacional, característica da moderna escrita autobiográfica, que, retomando John Paul Eakin, marca “a mudança da autobiografia da celebração do sujeito autônomo (branco, masculino) engenhoso para um reconhecimento do entrelaçamento de nossas vidas com as dos outros” (*apud* Jager and Hobuß, 2017, p. 9, tradução própria).²⁶

Texto e ilustrações abundam em referências que proporcionam a compreensão das complexas relações culturais que plasmaram as vidas dos Madgermanes, tal como o problemático estatuto de pertencimento a um povo ou a um país; não é por acaso que no prólogo encontramos a seguinte pergunta: “Was ist Heimat?” (Weyhe, 2016, p. 13), ou seja, “O que é casa?”. A imagem do grande felino, símbolo da África, que aperta entre os dentes um bretzel, sintetiza a densidade do substantivo alemão *Heimat*, palavra “inapreensível” (cf. Kasper, 2009), que pode ser parcialmente traduzida como “pátria” ou “terra natal”, mas vai para além destas. A *Heimat* oscila entre o público e o privado, entre o pertencimento a uma comunidade social-política e o pertencimento a uma esfera mais íntima, interiorizada, a casa, o lar, como a mesma raiz *Heim* indica. Além disso, como observa Kasper (2009, p. 18), a *Heimat*

²² “Houve de fato uma tentativa de limpeza da sociedade moçambicana nos primeiros anos da independência. Os sujeitos eram capturados e encaminhados para campos de concentração nos quais deveriam passar por um processo de reeducação, ou melhor, de subjetivação que os transformassem no novo homem moçambicano através da experiência coletiva do trabalho rural e da internalização ideológica de perspectivas anticoloniais e ‘marxistas-leninistas’” (Lima, 2015, p. 3).

²³ “Woraus speist sich Erinnerung?” (Weyhe, 2016, p. 7).

²⁴ “Wie alle anderen Emigranten, die sich auf den Weg in ein neues Leben gemacht haben, gehöre ich weder zu dem einen noch dem anderen Land. Wir sind alle ohne Bindung, ohne Anker; schwebend zwischen den Kulturen. Egal, ob wir zurückkehren oder bleiben” (Weyhe, 2016, p. 236).

²⁵ “they [all] are fruitful and productive, but uncertain and in flux. A seed might land on fertile ground, or might not”.

²⁶ “the turn of the autobiography away from the celebration of the autonomous (white, male) ingenious subject to an acknowledgment of the interweaving of our lives with those of others”.

surge como *algo desde sempre perdido*. [...] ela revela-se um conceito essencialmente nostálgico: o seu destino é o de faltar e sobreviver unicamente na memória dos que, pelas mais diversas razões, a perderam. Sob esta perspectiva, a palavra parece manifestar e desenvolver o seu verdadeiro significado justamente no momento em que não só os indivíduos, como também inteiros grupos, são forçados a abandonar a sua pátria e a emigrar.²⁷

Contudo, parafraseando a autora, podemos dizer que a experiência de regresso dos Madgermanes representa o ponto no qual a nostalgia – no seu significado originário de *Heimweh* (dor de estar longe de casa e anseio de lá voltar) – torna-se trauma, ou seja, uma ferida tanto irreparável quanto inominável, uma dor que não passa e condiciona o presente continuamente. Quando os trabalhadores regressam a Moçambique, o sonho socialista já está desvanecido;²⁸ tudo o que eles aprenderam na Alemanha resulta inútil; o país que eles desejaram já não existe e o presente continua lacerado pela guerra civil. Daqui origina-se uma fratura: “O que está perdido é precisamente a possibilidade de instaurar uma relação objetiva, ou seja, uma identificação com um lugar que possa ser definido de maneira exclusiva, como a própria *Heimat*”.²⁹

Neste sentido é interessante observar que, para além da citada metáfora gráfica do pólen, é recorrente a das aves migratórias também: no prólogo, por exemplo, as imagens de aves são significativamente acompanhadas pela representação de um rosto que se sobrepõe a uma máscara africana e pelo texto “Quando tiveram de regressar em 1990, após anos de ausência, eram estranhos no seu próprio país. Eles foram confrontados com a questão fundamental do pertencimento e da *Heimat*”.³⁰ Tudo isso sugere uma sensação de *Unheimlichkeit*, ou seja, um “inquietante estranhamento”, uma perturbação que decorre do desencontro assustador com a própria pátria, que cessou de ser familiar.

Ao mesmo tempo, neste desencontro, toma forma a que Schenk chamou de *Eastalgia*, marcando deliberadamente uma diferença com a mais conhecida palavra alemã *Ostalgie*, isto é, “uma contra-memória num contexto interno alemão de reivindicações concorrentes ao passado, que não mapeia as realidades políticas e históricas angolanas e moçambicanas”³¹ (Schenk, 2018, p. 355, tradução própria). Na perspectiva de Shenck, a *Eastalgia* é definida

²⁷ “[...] la Heimat appare come qualcosa che è già da sempre perduto. [...] essa si rivela essere un concetto essenzialmente nostalgico: il suo destino è di mancare e di sopravvivere unicamente nella memoria di coloro che, per le più diverse ragioni, l'hanno perduta. Da questa prospettiva, la parola sembra che manifesti e sviluppi il suo vero significato solo dal momento in cui non solo le singole persone ma anche interi gruppi sociali sono costretti ad abbandonare la loro patria e a emigrare”. Todas as traduções de autoria de Kasper são nossas.

²⁸ “A Frelimo também começou a mudar. No quarto congresso do partido, em 1983, iniciou o processo de desmantelamento do Estado Marxista-Leninista de partido único e da economia centralizada. Este processo foi concluído no congresso seguinte do partido, em 1989, quando a Frelimo derrotou a Renamo ao adoptar os princípios do mercado livre e uma constituição multipartidária. As mudanças constitucionais foram promulgadas em 1990” (“Frelimo also began to change. At the fourth party congress in 1983 it had begun the process of dismantling the one-party Marxist-Leninist State and the command economy. This process was completed at the next party congress in 1989 when Frelimo trumped Renamo by adopting the principles of the free market and a multi-party constitution. The constitutional changes were enacted in 1990”) (Newitt, 2017, p. 166).

²⁹ “A essere perduta è la possibilità stessa di instaurare un rapporto soggettivo ossia un'identificazione singolare con un luogo che possa essere definito in via esclusiva come propria Heimat” (Kasper, 2009, p. 21-22).

³⁰ “Als sie nach jahrelanger Abwesenheit 1990 in die Heimat zurückkehren mussten, waren sie Fremde im eigenen Land. Ihnen stellte sich die Frage nach Zugehörigkeit und nach Heimat ganz elementar” (Weyhe, 2016, p. 15).

³¹ “a counter-memory in an inner German landscape of competing claims to the past, which does not map onto Angolan and Mozambican political and historic realities”.

como “a nostalgia dos repatriados por aspectos de suas experiências vividas na Alemanha Oriental”³² (Schenck, 2018, p. 366, tradução própria), “[uma] forma de escapismo, pois permite aos ex-migrantes momentos de trégua das frustrações diárias dos que estão nas margens de Moçambique”³³. Esta – é importante destacá-lo – não tem de ser interpretada como olhar ingênuo sobre o passado, mas sim como motor para uma crítica do presente e, sobretudo, como crítica ao fracasso do projeto moçambicano de modernização. A *Eastalgia* é também visível na obra de Weyhe, especialmente no personagem de Basílio que considera a restituição do dinheiro por parte do governo como condição necessária para tirar a carta de motorista e encontrar trabalho. Entretanto, continua a manifestar em favor dos seus direitos.

Através das lentes da literatura: o personagem de Jei-Jei em *Museu da revolução* de João Paulo Borges Coelho

O passado é uma terra sem tenentes.
[...] sempre que os caminhos para chegar à substância do passado estão fechados,
surge inevitavelmente um novo e precioso instrumento
chamado imaginação

(Coelho, 2015, p. 164).

Publicado em 2021, *Museu da revolução* é o livro mais recente de João Paulo Borges Coelho, “o escritor moçambicano de maior envergadura da atualidade” (Sousa; Khan, 2022, p. 2), que conta hoje com treze livros e inúmeros prêmios literários. O romance configura-se como um labirinto (Duarte, 2022) onde “o passado, a memória e a pós-memória emergem como elementos entrelaçados e centrais” (Sousa; Khan, 2022, p. 2). A estrutura do livro, como o próprio autor declarou numa entrevista a Isabel Lucas, é a viagem, mas “há vários temas que vão sendo explorados como se fossem metidos dentro da mala de viagem” (Café com letras [...], 2023): o contraste entre a cidade e o campo; o confronto entre a grande história e a história das pessoas; a falta de memória; a violência; o cosmopolitismo do povo moçambicano, só para citar alguns. O enredo funda-se na interação entre duas personagens: o narrador, que tem vários pontos em comum com o autor (a profissão de histórico, nomeadamente) (Miranda, 2022, p. 7), e Jei-Jei, ex-trabalhador na Alemanha do Leste. Como aponta José dos Remédios, “não obstante a importância de Jei-Jei, *Museu da revolução* é uma história abrangente, na qual o protagonismo das personagens é continuamente partilhado” (Remédios, 2021); de maneira análoga, nesse intrincado *puzzle* que é o romance, a história dos Madgermanes representa só uma peça, portanto, não cabendo, nos limites deste artigo, abordagem mais detida na obra, oferecem-se aqui apenas algumas pistas (parciais) de reflexão em diálogo com obra de Weyhe e com as questões anteriormente desenvolvidas.

³² “the returnees’ nostalgia for aspects of their lived experiences in East Germany”.

³³ “[a] form of escapism, as it allows former migrants moments of respite from the daily frustrations of those on the Mozambican margins” (Schenck, 2018, p. 359, tradução própria).

O Museu da Revolução ao qual alude o título foi inaugurado em 1978 em Maputo, por iniciativa da FRELIMO, com o intuito de exaltar a grandeza da luta revolucionária: nos seus quartos, distribuídos em cinco andares, desenrola-se o caminho de construção da nação moçambicana (da luta de libertação nacional à independência política). Porém, já a partir dos primeiros anos 90, a memória do heroísmo nacional foi contestada pela presença “provocatória” do Jardim 28 de maio, que fica quase à mesma altura, no outro lado da rua. Esta posição quase especular foi um dos fatores que fizeram despoletar o romance, assim como referiu João Paulo Borges Coelho: a extraordinária coincidência de o Museu da Revolução e o Jardim dos Madgermanes serem em frente um do outro convoca dois aspetos que o autor queria explorar, ou seja, “o facto de o Museu significar o fim da história e a revolta dos imigrantes, dos operários significar a continuidade da história” (Café com letras [...], 2023). Outra “raiz” para a elaboração da narrativa foi o caso, muito singular, do Museu encerrar:

O Museu da Revolução, que conta a história da libertação e que dá o sentido à existência atual – do Estado, do regime, do povo, de toda a gente –, fechou as portas [...] há mais de dez anos. E embora não seja bem oficial, o fechar das portas [...] está meio desmontado e eu acho que não vai abrir mais. É um lugar, curiosamente, como a casca de um fruto porque é muito importante para legitimar as coisas que o poder atual tenha herdado, mas o conteúdo não: o conteúdo neste momento é subversivo porque é um conteúdo de igualdade, de combate à riqueza, é um conteúdo socialista, no fundo. Portanto, é como a necessidade de preservar a casca, mas esquecer o conteúdo: esse é o segredo para mim do encerramento do Museu (Café com letras [...], 2023).

Nas primeiras páginas do romance, assistimos ao encontro fortuito entre o narrador e Jeí-Jeí no interior do Museu da Revolução: o primeiro segue as pistas do poeta sul-africano P. R. Anderson, autor de um breve texto dedicado ao museu, enquanto o segundo se refugia no interior do edifício para escapar à carga policial durante uma manifestação dos Madgermanes. O encontro abrirá um “dédalo de ramais alternativos” (Coelho, 2022, p. 11) e, de maneira semelhante, os diálogos entre os dois oferecem a ocasião para explorar várias problemáticas que caracterizaram a migração dos trabalhadores moçambicanos. Nos excertos que retomam a experiência de Jeí-Jeí na Alemanha do Leste emergem vários pontos de contato com os assuntos problematizados por Weyhe; entre os mais relevantes, podemos destacar o contexto de saída de Moçambique, condicionada pelo pesadelo da guerra civil e por um poder cada vez mais intrusivo depois da morte do presidente Samora Machel:

Jeí-Jeí partiu para aquele país quando tinha dezoito anos de idade, numa altura em que faltava menos de um ano para a queda do Muro de Berlim que precipitaria, além de muitas outras coisas, a interrupção abrupta do fluxo migratório que para ali levava muitos africanos (fez parte, portanto, de uma das últimas *remessas*). Movia-o a vontade de se libertar do contexto sombrio do país, assolado pela guerra. [...] os tiros ritmavam o enunciado agressivo das palavras de ordem de uma autoridade cada vez mais perplexa com a desobediência das coisas. O mundo não era afinal como se dizia. A guerra rondava a cidade e os poderes públicos eram austeros e destituídos de humor, propensos à irascibilidade, e as pessoas comuns se sentiam órfãs da sombra protetora de um presidente que acabava de desaparecer dentro de um avião de rumo perdido (Coelho, 2022, p. 96).

É útil sublinhar que Jeí-Jeí (similarmente a Anabella, Basílio, José e à própria Birgit Weyhe, como já vimos) é sem vínculos, sem âncoras, suspenso entre culturas, carregando den-

tro de si a experiência da deslocação e o cosmopolitismo do povo moçambicano: o seu nome, de facto, é não só inspirado no trombonista norte-americano J. J. Johnson, mas surge também do desenvolvimento do termo *jika-jika*, que em língua changana significa “aquele que não para quieto no mesmo lugar, que está sempre a andar” (Café com letras [...], 2023). Para além disto, vários outros tópicos abordados na obra dialogam proficuamente com a novela gráfica *Madgermanes*, nomeadamente a exclusão e a violência xenófoba³⁴, o trabalho em condições de semiescravidão e alienação.³⁵ Tal como no caso de Weyhe, os episódios que gravitam em torno do passado na RDA são fruto da recolha de depoimentos orais; neste sentido, o trabalho de João Paulo Borges Coelho revela o confronto entre a grande história e a história das pessoas, desvendando-o com força por meio do tema da memória da violência:

Cada guerra que terminou deu origem a outra guerra: vivemos com curtos períodos de paz, numa guerra quase permanente, e a ideia que a grande história tem desta sucessão de violências é que elas estão arrumadas no tempo. [...] Mas na memória das pessoas essas guerras interpenetram-se nas lembranças, nos traumas, na forma concreta como elas influenciaram o destino das pessoas etc. (Café com letras [...], 2023)

Dentro do romance, o permanecer e entrelaçar-se de memórias traumáticas surgem com uma especial conexão, particularmente simbólica, com a história sul-africana, que não se limita ao paralelo entre as condições dos trabalhadores na Alemanha do Leste e as dos mineiros enviados, na época colonial, como força trabalho no Transvaal. O vínculo transnacional com a África do Sul toca a ferida ainda aberta da memória dos horrores do passado e, de maneira significativa, *Museu da revolução* abre-se com os seguintes versos da poeta sul-africana Ingrid de Kok: “Can the forgotten / be born again / into a land of names?”.³⁶ A citação é extraída de “A room full of questions”, segunda secção da antologia *Terrestrial Things* (2002), que, como explica Spearey (2008, p. 2 e 5, tradução própria),

consiste em uma sequência de doze poemas que respondem diretamente às audiências de Violações de Direitos Humanos e Anistia da Comissão de Verdade e Reconciliação [TRC]. A criação de uma comissão mandatada para investigar injustiças passadas e conceder amnistia “em relação a actos, omissões e crimes associados a objectivos políticos e cometidos no decurso dos conflitos do passado” foi, naturalmente, estipulada em 1990 como um dos as condições do Partido Nacional para negociar um acordo e redigir uma constituição provisória com as organizações de libertação recentemente desbanidas.

³⁴ “Com a transição política e a reunificação alemã em 1989/1990, a vida dos(as) trabalhadores(as)-aprendizes mudou imensamente. O que é conhecido na Alemanha como uma revolução pacífica não foi vivido como um tempo de paz pelos(as) trabalhadores(as) contratados(as). Paralelamente [à] reestruturação econômica, o aumento das manifestações de racismo tornou a vida muito difícil, pois representava uma ameaça para sua segurança” (Schenck, s.d., p. 11).

³⁵ “Frequentavam bares e discotecas, traziam mulheres alemãs para o quarto [...]. Por vezes discutiam entre si, na rua, fazendo acender a luz de prédios de onde vinham protestos e ameaças de chamarem a polícia. [...] Certa vez, regressavam de uma dessas sessões, eram sete ou oito, quando foram interpelados por um grupo de jovens alemães. *Mozis! Ausländer! Schwarze!*, gritavam eles, acompanhando as imprecisões racistas e xenófobas com gestos largos e ameaçadores (Coelho, 2022, p. 105).

³⁶ “Podem os esquecidos / renascer / numa terra de nomes?” (*apud* COELHO, 2022, p. 5, tradução própria).

[Em *A room full of questions*] mesmo quando fragmentos de depoimentos são citados diretamente, essas citações não expõem nada de quintessencial sobre os oradores ou suas histórias, mas, pelo contrário, expõem momentos de ruptura em que a linguagem, os procedimentos e os princípios fundacionais da Comissão esbarram nos seus próprios limites.³⁷

Estes “momentos de ruptura” são retomados na narração, onde se faz referência aos “depoimentos de vítimas [...], depoimentos magros, avaros e arrancados, [...] reduzidos a soluços e suspiros que [...] os escrivães do tribunal não sabiam como grafar” (Coelho, 2022, p. 195) e volta-se a citar Ingrid de Kok:

But how to transcribe silence from tape?
Is weeping a pause or a word?
What written sign for a strangled throat?³⁸

Do ponto de vista temporal, o mandato da TRC interessava um intervalo de tempo compreendido entre o 1º de março de 1960 (massacre de Sharpeville) e o 10 de maio de 1994 (primeiras eleições democráticas). Paralelamente, no romance, outro massacre ocupa a seção do museu onde Jeí-Jeí se detém por mais tempo a pensar: “[...] há algum tempo que visitava o Museu para aprender mais sobre a gesta da revolução. Em particular, interessava-lhe *compreender* o Massacre de Mueda, que se dizia ser a causa de tudo o que veio depois” (Coelho, 2022, p. 69). Nas páginas finais, o narrador, andando à procura de Jeí-Jeí dentro do museu, tem quase a certeza de que o encontrará justamente naquela sala, contudo se depara com um cenário de desolação:

[...] o expositor estava vazio, salvo, esquecidas em cima do tampo de vidro, a fotografia amarela de uma plantação de algodão e uma velha palmatória de madeira, aquelas com que os sipaios costumavam castigar os camponeses [...]. Objetos que, retirados ao calor da sequência em que eram expostos ao público, ao fio condutor de que faziam parte, ficavam desnudados e vulneráveis [...] (Coelho, 2022, p. 655).

Se os objetos ligados a este trágico episódio do passado moçambicano parecem agora “pequenas coisas inúteis” (Coelho, 2022, p. 655), o presente e o futuro não gozam de um estatuto menos espinhoso:

Enquanto avançava, ia-me perguntando que soluções teriam achado os museólogos para retratar o nosso tempo caso o Museu tivesse permanecido de portas abertas. [...]

³⁷ “consists of a sequence of twelve poems that respond directly to the Human Rights Violations and Amnesty hearings of the Truth and Reconciliation Commission [TRC]. The establishment of a commission mandated to investigate past injustices and to grant amnesty ‘in respect of acts, omissions and offences associated with political objectives and committed in the course of the conflicts of the past’ was, of course, stipulated in 1990 as one of the National Party’s conditions for negotiating a settlement and drafting an interim constitution with the recently unbanned liberation organizations”. “[In *A room full of questions*] Even where fragments of testimony are cited directly, these citations do not expose anything quintessential about the speakers or their histories, but on the contrary, expose moments of rupture in which the language, procedures and foundational principles of the Commission come up against their own limits”.

³⁸ “Mas como transcrever o silêncio da fita? O choro é uma pausa ou uma palavra? Que sinal escrito para uma garganta estrangulada?” (*apud* Coelho, 2022, p. 193, tradução própria).

Mas, como representar a alegria do fim da guerra, os tempos da abertura e aqueles de fechamento, em que a autoridade regressou irascível para bater com o punho na mesa e impor aos cidadãos um regresso à ordem e à obediência? (Coelho, 2022, p. 657).

No ápice deste “delírio silencioso” o narrador encontra, por fim, o amigo. De maneira incisiva, a imagem de Jeí-Jeí, “sentado num caixote, no terceiro andar, como um náufrago agarrado a uma tábua do barco desfeito” (Coelho, 2022, p. 659) amplifica os interrogativos e, voltando a uma das perguntas colocadas em abertura do artigo, parece contribuir a evidenciar a importante função dos Madgermanes na construção de uma memória alternativa.

Jeí-Jeí [...] extravasa a dimensão de personagem comum. Jeí-Jeí é a fonte, a ligação entre as outras personagens [...] e o próprio enunciador do discurso; é a ponte entre espaços geográficos, entre figuras e momentos históricos. É ele o pretexto para a alusão aos percalços dos *madgermanes*, regressados da Alemanha, ou às excentricidades do *Apartheid*, na África do Sul (Remédios, 2021).

Se é verdade que, na África do Sul, a TRC “deixou de fora os horrores do dia a dia, concentrando-se nas grandes violações dos direitos humanos” (Triana, 2020, p. 222) e a narração oficial do *apartheid* invisibilizou e silenciou muitas práticas cotidianas de violação e segregação, “que voltam como assombrações no presente” (Triana, 2020, p. 222), não é menos evidente que em Moçambique a FRELIMO utilizou a estratégia do “esquecimento organizado” (Pitcher, 2006) para operar a transição do socialismo ao neoliberalismo e, em geral, como instrumento para a manutenção do poder, da independência à atualidade.³⁹ E é justamente este esquecimento que Jeí-Jeí (como todos Madgermanes que continuam lutando) tenta combater, desvendando as dobras de uma história que permaneceu excluída da narração oficial.

Conclusões

O artigo, estimulado principalmente pela leitura da novela gráfica de Birgit Weyhe, nasceu do propósito de chamar a atenção sobre o caso dos Madgermanes, a partir do enquadramento das circunstâncias que conduziram a essa vaga migratória até chegar a dois exemplos das recentes declinações artísticas que se debruçam nesse passado desafiando-o e contribuindo a problematizar o presente.

³⁹ “[...] a articulação e a projecção do ‘esquecimento organizado’ por parte do partido no poder é um elemento importante na sua manutenção” (Pitcher, 2006, p. 94, tradução própria). “Em Moçambique, os documentos oficiais do governo, bem como a publicidade [...] distorceram ou ignoraram o período socialista, a fim de obscurecer o passado e construir uma nova identidade nacional em torno das principais construções do neoliberalismo. Defendo que o ‘esquecimento organizado’ constituiu uma componente chave de uma estratégia discursiva e institucional adotada pelo partido no poder, FRELIMO, para navegar na transição do socialismo para o neoliberalismo” (Pitcher, 2006, p. 88, tradução própria). (“[...] the articulation and projection of ‘organized forgetting’ by the ruling party is an important element in its retention of power”. In Mozambique, official government documents as well as corporate advertisements [...] have distorted or ignored the socialist period in order to obscure the past and build a new national identity around the main constructs of neo-liberalism. I argue that ‘organized forgetting’ has comprised a key component of a discursive and institutional strategy adopted by the ruling Frelimo party to navigate the transition from socialism to neo-liberalism”).

O êxodo de trabalhadores para a Alemanha do Leste representa uma história complexa, que afetou milhares de pessoas (não só naturais de Moçambique)⁴⁰ e que foi durante muito tempo silenciada. A partir da década de 80 foram publicados os primeiros estudos de caráter histórico, político, econômico e antropológico, enquanto só nos últimos anos é que as histórias dos Madgermanes penetraram no âmbito artístico e literário. A obra que contribuiu mormente a despertar interesse no panorama internacional é *Madgermanes* de Birgit Weyhe: publicada em 2016 pela editora alemã Avant-verlag, foi traduzida para inglês e francês, mas ainda é inédita em língua portuguesa. Esta ausência é sintoma, talvez, de uma dificuldade em fazer as contas com um passado ainda incomodo, confirmada pela geral escassez de publicações em português sobre o assunto. Esta lacuna foi de certa forma compensada pelo mais recente romance de João Paulo Borges Coelho, em relação ao qual se ofereceram, na última parte do artigo, algumas pistas (não exaustivas) de leitura. João Paulo Borges Coelho, historiador e atento observador da realidade moçambicana, mostrara-se interessado às problemáticas ligadas aos ex-trabalhadores na RDA já antes da publicação de *Museu da revolução*, por exemplo, na citada entrevista a Doris Wieser. No romance, embora sendo só uma das muitas peças que compõem o intrincado *puzzle*, os Madgermanes detêm uma especial importância do momento que o personagem de Jeí-Jeí faz parte do grupo.

Tendo em consideração a complexidade da obra de João Paulo Borges Coelho⁴¹ e os restritos limites deste breve ensaio, não coube no nosso propósito chegar a uma comparação detalhada entre *Museu da revolução* e a novela gráfica de Weyhe. Porém, para finalizar, podemos asserir que, a despeito das diferenças, um ponto importante que as duas obras têm em comum é o foco na circulação de pessoas, suas trajetórias e experiências (cf. Brugioni; Gallo; Zanfêlice; 2022, p. 298), como também na contaminação que surge desses deslocamentos repercutindo-se na forma em que o passado é contado e lembrado. O terceiro capítulo de *Museu da revolução*, onde significativamente Jeí-Jeí aparece pela primeira vez, abre-se com a epígrafe seguinte: “O passado e o futuro, disse alguém, são ambos feixes de possibilidades. Ambos se vergam à maneira como os quisermos contar” (Coelho, 2022, p. 60). De maneira semelhante, Birgit Weyhe – seja no prólogo seja nas perguntas que desencadeiam as narrações de José, Basílio e Anabella – depara-se na relação, nem sempre pacífica, com a memória. Esta problematidade é claramente ligada à questão do “esquecimento organizado” que, como se disse anteriormente, foi (e continua sendo) a estratégia dominante da FRELIMO. A este propósito, como aponta Bruna Triana,

É interessante, assim, refletir como e por que é sempre da história da libertação pela FRELIMO que se fala, e quase que exclusivamente dela; de como e por que é apenas a

⁴⁰ Como aponta Schenck, em maio de 1985, também o governo angolano assinou um acordo que regulava o trabalho e o treinamento temporário na RDA. Até ao cancelamento prematuro dos acordos, foram assinados cerca de 21 mil contratos com moçambicanos e até 2500 com angolanos. Além disso, os homens e mulheres angolanos e moçambicanos que foram trabalhar para a RDA também se encontraram em boa companhia quando lá chegaram: pessoas de outros países socialistas como Argélia, China, Cuba, Hungria, Mongólia, Polónia e Vietname também migraram para a Alemanha Oriental em busca de trabalho e formação prática. A RDA não foi o único país da Europa Central e Oriental a empregar trabalhadores de fora da Europa: os trabalhadores vietnamitas não só constituíam o maior número de trabalhadores estrangeiros na Alemanha Oriental, como também eram empregados na Checoslováquia, na Bulgária e na Hungria, e os trabalhadores cubanos também trabalharam na Checoslováquia e na Hungria (Cf. Schenck, 2023, p. 11 e 16).

⁴¹ “O livro contém 485 páginas, é estruturado em 20 capítulos e, como é possível imaginar, aponta para uma vasta e diversificada multiplicidade de leituras” (Brugioni; Gallo; Zanfêlice, 2022, p. 297).

luta de guerrilha que tem seu museu, com sua história também contada por diversos combatentes em suas autobiografias e memórias pessoais. Que contradições e memórias não aparecem aí? [...] O que fazemos, ou onde deixamos, o que não é heroico, importante, ou seja, o que não é épico [...] o suficiente para entrar nos livros oficiais de história e nos monumentos da cidade? (Triana, 2020, p. 222-223).

Subvertendo a tendência à manipulação da história, Jeí-Jeí, Anabella, Basílio e José parecem responder a estes questionamentos: eles são arautos de memórias vindas do baixo que contrastam o esquecimento imposto pelos de cima (Pitcher, 2006). Os seus “pequenos sofrimentos”, multifacetados através das lentes da banda desenhada e da ficção, podem “ser tornados públicos, ser divulgados, partilhados e valorados por todos” (Coelho 2021a, p. 467 *apud* Miranda, 2022, p. 20), contribuindo em definitiva a preencher algumas falhas da historiografia.⁴² As suas histórias, e as memórias que partilham, acrescentam vozes “cacofônicas” à história pós-independência de Moçambique (bem como à história da Alemanha do Leste), ilustrando a ambiguidade das experiências de atores históricos “anônimos”,⁴³ que não formam parte da elite (cf. Schenck, 2023, p. 29).

Referências

BRUGIONI, Elena; GALLO, Fernanda; ZANFELICE, Gabriela B. *Museu da revolução: um monumento aos anônimos*. In: BRUGIONI, Elena; GALLO, Fernanda; ZANFELICE, Gabriela B. (org.). *A obra literária de João Paulo Borges Coelho*. Campinas: Editora Unicamp, 2022. p. 289-314.

CAFÉ com Letras: João Paulo Borges Coelho – 09.05.2023. Convidado João Paulo Borges Coelho. Moderação Isabel Lucas. [S. l.: s. n.]. Publicado pelo canal Bibliotecas Municipais de Oeiras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jGkp02vUng>. Acesso em: 03 mar. 2024.

COELHO, João Paulo Borges. Abrir a fábula: questões da política do passado em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [s. l.], 106, p. 153-166, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5926>. Acesso em: 29 maio 2024.

COELHO, João Paulo Borges. *Museu da revolução*. São Paulo: Kapulana, 2022. (ePub).

COWLING, Natalie. Democracy index in Mozambique 2010-2020. *Statista*, [s. l.], 30 jan. 2024. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1239388/democracy-index-in-mozambique>. Acesso em: 28 nov. 2023.

⁴² Como observa Coelho (2015, p. 163), “o presente é demasiado largo, demasiado complexo e demasiado precioso para permanecer refém de uma interpretação fechada e rígida do passado. E o novo paradigma é, já não como assegurar a unidade, mas como gerir a pluralidade de perspectivas. Desta mane ira a narrativa ficará aberta a uma multitude de outras maneiras sociais de lidar com o passado, incluindo a historiografia (que tem de reinventar a autonomia do seu campo) e, claro, a arte”.

⁴³ Iluminantes, neste sentido, são as palavras de Brugioni, Gallo e Zanfelicce (2022, 311): “[...] os meandros e os processos históricos – como a exclusão ou a manutenção do passado e de certos eventos – [...] continuam desafiando o presente e as políticas da memória, afinal, como interroga a derradeira epígrafe do romance, ‘As pedras não falam, o passado não diz nada. Limita-se a fazer eco de todas as indagações e a devolver-nos, olhos nos olhos, as nossas perguntas’. E nos parece ser exatamente isso que o Museu da Revolução faz, devolvendo-nos as mesmas perguntas que o romance tensiona e procura responder: qual o passado que queremos e ousamos interrogar? Um passado dedicado aos grandes nomes, fixados em monumentos, ou aquele que também contemple a história dos muitos anônimos que não cabem num museu?”.

DUARTE, Luís Ricardo. João Paulo Borges Coelho: Unir os fios do passado. *Jornal de Letras*, [s. l.], 05 maio 2022. Disponível em: <https://visao.pt/jornaldeletras/2022-05-05-joao-paulo-borges-coelho-unir-os-fios-do-passado/>. Acesso em: 28 nov 2023.

HERNÁNDEZ, Héctor Rolando Guerra. *Ma(d)jermanes*: passado colonial e presente diaspórizado. Reconstrução etnográfica de um dos últimos vestígios do Socialismo colonial europeu. Orientador: Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz, 2011. 282 f. Tese (Doutorado em antropologia social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=496128&tipoMidia=0>. Acesso em: 29 maio 2024.

JAGER, Benedikt; HOBUS, Steffi; Black and White Dogs – Conceptual Encounters. In: JAGER, B.; HOBUS, S. (ed.) *(Post)Colonial Histories: Trauma, Memory and Reconciliation in the Context of the Angolan Civil War*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2017. p. 7-22.

KASPER, Judith. *Trauma e nostalgia*: per una lettura del concetto di Heimat. Torino: Marietti, 2009.

KRAENZLE, Christina. Risking Representation: Abstraction, Affect, and the Documentary Mode in Birgit Weyhe's *Madgermanes*. *Seminar: A Journal of Germanic Studies*, v. 56, Numbers 3-4, p. 212-234, 2020.

LANGA, Ercílio Neves Brandão. Diplomacia e política externa em Moçambique: o primeiro governo pós-independência – Samora Machel (1975-1986). *Revista Brasileira de Estudos Africanos*, Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 11-32, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbea/article/view/104413>. Acesso em: 28 nov. 2023.

LIMA, Rainério dos Santos. Os indesejáveis da nação: os campos de reeducação em *Entre as memórias silenciadas*, de Ungulani Ba Ka Khosa. *ABRALIC XIV Congresso Internacional [...]*, 2015. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456107323.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023.

MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 70, jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/X8X68Zc6vm4G7STJgNnKYkR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 nov. 2023.

MIRANDA, Rui Gonçalves. World(s) apart – Borges Coelho's *Museu da Revolução* and Writing in (and of) a Changing World. *Gragoatá*, Niterói, v. 27, n. 59, set.-dez. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gragoata/a/Lr6pK9xc5M9pD39PRpbf4Mk/#>. Acesso em: 29 maio 2024.

NEWITT, Malyn. *A Short History of Mozambique*. New York: Oxford University Press, 2017.

OPPENHEIMER, Jochen. Magermanes. Os trabalhadores moçambicanos na antiga República Democrática Alemã. *Lusotopie*, n. 11, p. 85-105, 2004. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2004_num_11_1_1591. Acesso em: 29 maio 2024.

PITCHER, Anne M. Forgetting from Above and Memory from Below: Strategies of Legitimation and Struggle in Postsocialist Mozambique. *Africa: Journal of the International African Institute*, v.76, n. 1, p. 88-112, 2006. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/africa/article/abs/forgetting-from-above-and-memory-from-below-strategies-of-legitimation-and-struggle-in-postsocialist-mozambique/E612EA42D11F5706D16095FE534DDFFo>. Acesso em: 29 maio 2024.

RANTZSCH, Franziska. The Negotiations of the Contract Labor Accord between the GDR and Mozambique. In: SCHENCK, Marcia et al. (ed.). *Navigating Socialist Encounters: Moorings and (Dis) Entanglements Between Africa and East Germany During the Cold War*. Berlin/Boston: De Gruyter GmbH, 2021.

REMÉDIOS, José dos. O status de Jeí-Jeí em Museu da Revolução. *O País*, [s. l.], 27 nov. 2021. Disponível em: <https://opais.co.mz/o-status-de-jei-jei-em-museu-da-revolucao/>. Acesso em: 03 mar. 2024.

SCHENCK, Marcia. A chronology of nostalgia: memories of former Angolan and Mozambican worker trainees to East Germany. *Labor History*, v. 59, 3. ed, p. 352-374, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0023656X.2018.1429187>. Acesso em: 29 maio 2024.

SCHENCK, Marcia. From Luanda and Maputo to Berlin. Uncovering Angolan and Mozambican Migrants' Motives to Move to the German Democratic Republic (1979–1990). *African Economic History*, v. 44, p. 202-234, 2016. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44329660>. Acesso em: 29 maio 2024.

SCHENCK, Marcia. *Remembering African Labor Migration to the Second World Socialist Mobilities between Angola, Mozambique, and East Germany*. Cham: Palgrave Macmillan, 2023.

SCHENCK, Marcia. Uma breve história dos(as) madjermanes moçambicanos(as), 2022. Disponível em: https://vertragsarbeit-mosambik-ddr.de/wp-content/uploads/2022/12/Uma-Breve-Historia-Madjermanes_EN_PT.pdf. Acesso em: 28 nov. 2023.

SCHMID, Johannes C. P. Framing and Translation in Birgit Weyhe's Madgermanes. In: OTT, Michaela; WEBER, Thomas (eds.), *Situated in translations: Cultural Communities and Media Practices*. Bielefeld: Transcript Publishing, 2019.

SENGO, Alice G. S. *Processos de enriquecimento do léxico do português de Moçambique*. 2010, 116 f. Tese (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Maputo/Porto, 2010. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55314>. Acesso em: 29 maio 2024.

SOUSA, Sandra; KAHN, Sheila. As Estórias dentro da História: mapeando a nação no Museu da Revolução de João Paulo Borges Coelho. *Gragoatá*, Niterói, v.27, n. 59, e53261, set.-dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v27i59.53261>. Acesso em: 03 mar. 2024.

SPEAREY, Susan. “May the Unfixable Broken Bone/ [...] Give us New Bearings”: Ethics, Affect and Irresolution in Ingrid de Kok’s “A Room Full of Questions”. *Postcolonial Text*, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.postcolonial.org/index.php/pct/article/view/719>. Acesso em: 29 maio 2024.

TRIANA, Bruna. *Ensaio em preto e branco: arquivo, memória e cidade nas fotografias de Ricardo Rangel*. Orientadora: Sylvia Caiuby Novaes. 251 f. Tese (Doutorado em antropologia social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07052020-225703/publico/2020_BrunaTriana_VCorr_V1.pdf. Acesso em: 29 maio 2024.

WEYHE, Birgit. *Madgermanes*. Berlin: Avant-verlag. 2016.

WIESER, Doris. A língua é a própria carne do pensamento. Entrevista a João Paulo Borges Coelho. *Cadernos de Estudos Africanos*, [s. l.], v. 32, p. 116-137, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cea/2141#:~:text=%E2%80%99CA%20l%C3%ADngua%20%C3%A9%20a%20pr%C3%B3pria,a%20Jo%C3%A3o%20Paulo%20Borges%20Coelho>. Acesso em: 29 maio 2024.